

## Parassíntese e conversão: uma nova explicação para um velho problema

*Eva Arim*  
*Tiago Freitas*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa<sup>1</sup>  
Instituto de Linguística Teórica e Computacional

### Introdução

Os fenómenos morfológicos que nos propomos analisar de uma forma inovadora são tradicionalmente conhecidos por parassíntese, conversão (ou derivação imprópria) e derivação regressiva. Trata-se de casos já abordados na literatura, com explicações que variam significativamente de autor para autor<sup>2</sup>.

Estruturas de verbalização como *noite* → *anoitecer*, *fiambre* → *aftiambrear* e mesmo *colapso* → *colapsar* apresentam algumas dificuldades teóricas que não se põem noutros domínios da construção de palavras. Do mesmo modo, as operações de nominalização do tipo *vacilar* → *vacilo* não são facilmente concebíveis dentro dos modelos morfológicos convencionais.

Atendendo a estes factos, foi nosso objectivo inicial rever os dados da língua de modo a poder explicitar todas as regularidades e semelhanças encontradas nestas estruturas, assinalando igualmente os casos em que essa convergência não se verifica. Foi a partir dessa observação que decidimos apresentar uma nova proposta explicativa para os vários problemas em apreço, na convicção de que os dados obtidos justificam uma reformulação teórica.

Na nossa opinião, os produtos morfológicos tradicionalmente designados como parassintéticos devem ser analisados como palavras derivadas por sufixação. As diferentes manifestações deste paradigma de verbalização serão analisadas à luz desta nova ideia<sup>3</sup>, o que depois nos conduzirá à apreciação de produtos denominais como *colapsar*, *elencar* e *mafiar*. Justificaremos por que motivo estas palavras também devem ser consideradas no âmbito da derivação por sufixação, usando argumentos diferentes daqueles que são usados pela gramática tradicional.

---

<sup>1</sup> Este texto resulta de um trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina de Morfologia II. Agradecemos à Professora Alina Villava todo o apoio prestado na sua orientação.

<sup>2</sup> Relativamente ao fenómeno da parassíntese, veja-se Rio-Torto (1998), Pereira (2002) e Mateus et aliae (2003).

<sup>3</sup> Na verdade, esta hipótese é já defendida em Mateus et aliae (2003), mas apenas em relação a casos como *noite* → *anoitecer*.

Consideraremos em seguida as nominalizações do tipo *vacilar* → *vacilo*, procurando estabelecer uma distinção fundamental entre este processo e os processos de sufixação estudados. Dessa forma, tentaremos estabelecer um quadro que nos permita observar o contraste entre as propriedades dos processos de derivação afixal e o processo de conversão  $V \rightarrow N$ .

### Questões terminológicas

A orientação teórica seguida neste trabalho dispensa a utilização do termo *parassíntese*. Optámos por empregá-lo, contudo, quer no título quer ao longo do artigo, para poder facilitar a descrição da hipótese a apresentar.

Existem várias definições de *parassíntese*. Aquela que seguiremos é a de Villalva (2001), que considera parassintéticas não só as estruturas com prefixo e sufixo foneticamente realizados, como *anoitecer*, mas também as estruturas que apenas têm um prefixo foneticamente realizado, como *afiambrar*.

Relativamente a este paradigma, não cremos ser necessário empregar o termo alternativo *circunfixação*, defendido em Rio-Torto (1998). Essa opção prende-se, evidentemente, com a perspectiva de análise que assumimos, que não contempla a existência de afixos descontínuos no português. Esses elementos existem, com efeito, mas em línguas como o neerlandês. Lieber (1992) cita o caso do circunfixo *ge...te*, usado para formar nomes colectivos. Vejamos o exemplo que a autora dá:

(1)	been	→	gebeente
	'osso'		'esqueleto'

Em neerlandês, nunca podemos ter estruturas como [ge[N]] ou [[N]te]. Como esses elementos não ocorrem isoladamente em estruturas de nominalização, temos razões fortes para pensar que se trata de uma unidade morfológica descontínua. Em português, pelo contrário, não existem casos deste tipo. Como veremos adiante, todos os elementos que ocorrem em palavras como *anoitecer* e *desodorizar* podem ocorrer isoladamente.

Relativamente ao termo *conversão*, empregamo-lo para designar as transformações morfológicas do tipo *curtir* → *curte* e *vacilar* → *vacilo*. Trata-se de um processo de criação de palavras em que não é possível identificar nenhum tipo de afixação. Consideramos que a expressão *derivação regressiva* não se adequa ao tratamento destes casos, visto relevar mais de um certo tipo de sensibilidade gráfica do que propriamente de uma intuição morfológica válida<sup>4</sup>. Do mesmo modo, rejeitamos *derivação imprópria* como termo equivalente a *conversão*, na medida em que essa etiqueta comporta conotações negativas acerca de um processo natural da língua.

---

<sup>4</sup> Veja-se Rodrigues (2001) para um desenvolvimento mais alargado deste tema.

Resta-nos acrescentar que todos os processos aqui analisados se inserem no quadro da *derivação*, entendida como a operação morfológica que permite transformar uma base lexical de categoria X num produto derivado de categoria Y.

## 2. Derivação por sufixação

Nesta secção, serão contemplados os casos de derivação em que o operador responsável pela mudança de categoria se pode manifestar foneticamente. Por razões que adiante explicitaremos, estamos convictos de que esse operador se encontra sempre à direita da estrutura.

Começaremos por observar casos como *anoitecer* e *apodrecer*, formas em que quer o prefixo quer o sufixo são foneticamente realizados. Esta questão da realização fonética, que desempenha um papel crucial na nossa análise, será explorada empiricamente à medida que avançarmos no paradigma de verbalização. Nesse âmbito, serão analisadas palavras como *aterrar* e *desambiguar*, em que apenas o prefixo é visível. Por fim, consideraremos formas do tipo *alicerçar* e *caricaturar*, que aparentemente não têm nenhum operador afixal na sua estrutura.

### 2.1. Derivação com prefixo e sufixo foneticamente realizados

O português apresenta muitos exemplos de verbalização denominal e deadjectival do tipo *noite* → *anoitecer* e *parvo* → *aparvalhar*, com diversos prefixos e sufixos. Como veremos adiante, uma das características essenciais destes constituintes é o facto de poderem aparecer isoladamente em processos de formação independentes.

Apresentamos em seguida uma tabela com várias construções exemplificativas de base nominal:

Base	-aç(ar)	-alh(ar)	-anh(ar)	-e(ar)	-ec(er)	-ej(ar)	-inh(ar)	-iz(ar)
N								
a-		abetalhar	abocanhar	aformear	anoitecer	apedrejar		aterrorizar
des-				descantear		descasquejar		desodorizar
en-		emporcalhar		enlamear	entardecer		endermoninhar	empolvorizar
es-	espapaçar	esfrangalhar	esgatanhar	espernear	espavorecer	esquartejar	escoicinhar	espavorizar
re-				recensear				revirginizar

Passamos agora aos casos de verbalização de adjectival:

Base Adj	-aç(ar)	-alh(ar)	-anh(ar)	-e(ar)	-ec(er)	-ej(ar)	-inh(ar)	-iz(ar)
a-		aparvalhar		aformosear	apodrecer	anegrejar		
des-					desverdecer			
en-					enriquecer			
es-				esverdear	esclarecer	esbravejar	esverdinhar	
re-				relouquear				

Como se pode ver pelos quadros anteriores, este fenómeno é mais abundante enquanto processo de derivação denominal do que de adjectival<sup>5</sup>. Relativamente ao grau de produtividade dos sufixos, *-ec(er)* ultrapassa, neste tipo de processos, todos os outros sufixos<sup>6</sup>. Formas com *-aç(ar)*, *-alh(ar)*, *-anh(ar)*, *-inh(ar)* e *-iz(ar)* são raras.

A distribuição dos prefixos e sufixos nestas construções não é previsível. Assim, não temos nenhuma intuição sobre o facto de existir o verbo *amanhecer* e não o verbo *\*emanhecer*, tal como não podemos justificar a existência de *entardecer* por oposição a *\*atardecer*<sup>7</sup>. Como não há nenhuma regra de derivação que defina o prefixo a aplicar por defeito, estas formas são fixadas no léxico. Se isso não acontecer, pode dar-se o caso de existirem duas ou mais variantes em competição. É o que se passa com as formas *embravecer* e *esbravecer*, que estão atestadas no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* com o mesmo significado<sup>8</sup>.

Do mesmo modo, não é possível encontrar nenhuma regularidade estrutural que nos permita explicar a opção por *espernear* em detrimento de *\*espernejar*. É por essa razão que, também no caso dos sufixos, encontramos verbos com variantes em competição. Assim, em relação à forma de base *pavor*, temos as formas deriva-

<sup>5</sup> A par destes exemplos, existem também alguns casos raros de verbalização de verbal:

Prefixo	Radical Verbal	Sufixo
a-	dorm	-ec(er)
	marf	-alh(ar)
		-anh(ar)
es-	corr	-aç(ar)
	vo	
	pair	-ec(er)

<sup>6</sup> Esta afirmação tem por base uma análise quantitativa de Figuciredo (1994) e Andrade (1993).

<sup>7</sup> Note-se que no castelhano a forma gramatical é *atardecer* e não *entardecer*.

<sup>8</sup> Segundo este dicionário, tanto *embravecer* como *esbravecer* significam 'tornar ou ficar bravo'.

das *espavorecer* e *espavorizar*. Também estas aparecem atestadas com o mesmo significado<sup>9</sup>.

Todos estes afixos que acabámos de listar aparecem isoladamente em estruturas de modificação, no caso dos prefixos, e em estruturas de derivação, no caso dos sufixos. Vejamos, então, exemplos de palavras em que isso se verifica:

Prefixos	Formas modificadas	Sufixos	Formas derivadas
a-	agastar <sup>10</sup>	-alh(ar)	bimbalhar
des-	desgravar	-anh(ar)	gatanhar
en-	encarregar <sup>10</sup>	-e(ar)	barbear
es-	esbater <sup>10</sup>	-ec(er)	favorecer
re-	recomeçar	-ej(ar)	pestanejar
		-inh(ar)	escrevinhar
		-iz(ar)	popularizar

Por outro lado, é de realçar que muitos destes verbos apresentam, também, uma variante sem prefixo. Alguns casos encontram-se até atestados nos dicionários com as duas formas<sup>11</sup>, se bem que a norma geralmente sancione uma das variantes. Como referimos antes, a preferência por uma ou por outra é idiossincrática<sup>12</sup>.

Na tabela abaixo, assinalamos as palavras sancionadas pela norma com um indicador<sup>13</sup>:

Forma com prefixo e sufixo	Forma sem prefixo
avozear	☞ vozear
emastrear	☞ mastrear
☞ esbracejar	bracejar
☞ espernear	pernear

Em relação aos verbos que apenas admitem a estrutura com prefixo, defendemos a hipótese de que a sua forma de base apresenta uma marca lexical que funciona como atrator de prefixos. Esta marca lexical corresponde, na nossa opinião, a um traço morfológico [ $\pm$  verbalização prefixal] que está presente neste tipo de bases

<sup>9</sup> De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, tanto *espavorecer* como *espavorizar* significam 'amedrontar-se, assustar-se, aterrar-se'.

<sup>10</sup> Estes casos correspondem a estruturas lexicalizadas, na medida em que o seu significado não é composicional. Alguns autores divergem relativamente à etimologia de *esbater*.

<sup>11</sup> É o que se passa com *bracejar / esbracejar*, *torpecer / entorpecer*, registados em Andrade (1993).

<sup>12</sup> Aquando da apresentação deste trabalho, a Professora Graça Maria Rio-Torto chamou-nos a atenção para o facto de estes casos poderem corresponder a contrastes semânticos. É um facto que precisa de ser testado. Neste trabalho, limitamo-nos a apontar aquilo que consta dos dicionários.

<sup>13</sup> O mesmo procedimento será adoptado ao longo do trabalho.

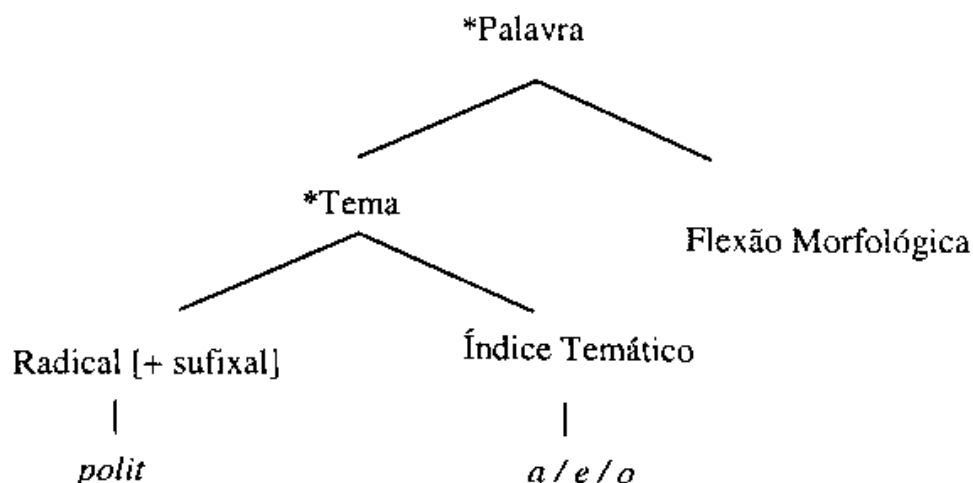
não atestadas. Nos casos em que o traço tem um valor negativo, a presença do prefixo é considerada agramatical.

No quadro que apresentamos a seguir, pomos em confronto alguns radicais marcados com valor distinto. Os casos que têm valor positivo dão origem aos verbos *esbracejar* e *espernear*. Dos casos que têm valor negativo resultam as formas *mastrear* e *vozear*.

Radicais [+ verbalização prefixal]	Radicais [- verbalização prefixal]
brac-	mastr-
pern-	voz-

Estes são os valores do traço tal como sancionados pela norma. Como vimos, esta especificação lexical é passível de entrar em variação, pelo que podemos ter dialectos com valores inversos para os mesmos radicais, o que origina as formas *bracejar*, *pernear*, *emastrear* e *avozear*.

Traços como o que propomos acima não são exclusivos destas estruturas. Existem certos radicais, como por exemplo *cív-* e *polit-* (presentes, entre outras formas, em *cívico* e *político*, respectivamente), que necessitam obrigatoriamente de um constituinte com poder derivacional para que a estrutura que integram seja legitimada, sendo que não é possível adjungir directamente um constituinte temático a essas bases. Nestes casos, estamos perante o traço [+ sufixal]:



Tendo em conta as observações que fizemos anteriormente, somos levados a pensar que as estruturas de verbalização que têm prefixo e sufixo foneticamente realizados são derivadas por sufixação, verificando-se posteriormente a adunção de um prefixo modificador<sup>14</sup>. Pelo facto de os diferentes afixos considerados poderem

<sup>14</sup> Não obstante o carácter relativamente indeterminado do prefixo que aparece em estruturas como *amanhecer*, consideramos que é pertinente atribuir-lhe o estatuto de modificador, e não o de um mero expletivo. Esta posição apoia-se no facto de encontrarmos pares lexicais com um significado

ocorrer isoladamente em estruturas de derivação e modificação análogas, não temos razões para considerar que estamos perante circunfixos<sup>15</sup>.

Nas estruturas em que os afixos aparecem isoladamente, verificámos que os sufixos têm sempre estatuto derivacional, ao passo que os prefixos desempenham uma função de modificação. Isto está de acordo com a regra geral observada em relação ao português, língua em que, segundo Villalva (2001), “a derivação é predominantemente realizada por sufixação”. Esta parece ser, aliás, uma propriedade partilhada com as demais línguas românicas.

Vejamos, então, como resulta a nossa hipótese de análise em termos de representação em árvore, tomando como exemplo a palavra *anoitecer*:

(2)	Verbo				
	Tema Verbal		Flexão Morfológica		
	Radical Verbal		Vogal Temática		
Prefixo	Radical Verbal [+v pref]				
	Rad. Nom. [+ v pref]		Sufixo Der.		
<i>a</i>	<i>noit</i>		<i>ec</i>	<i>e</i>	<i>r</i>

## 2.2. Derivação com sufixo nulo e prefixo foneticamente realizado

Passamos agora à análise dos casos de verbalização em que apenas o prefixo é visível, de que são exemplo *afiambrear* e *aprontar*. De acordo com a nossa definição, trata-se igualmente de palavras obtidas por sufixação, ainda que aparentemente não integram nenhum sufixo.

---

claramente distinto, sendo essa distinção resultante do tipo de prefixo. É o que se passa com os verbos *embravecer* ('ficar bravo', 'tornar bravo') e *desbravecer* ('perder a bravura', 'tirar a bravura').

<sup>15</sup> Veja-se o ponto 1 deste trabalho, para considerações adicionais sobre este tema.

Observemos alguns exemplos do paradigma, considerando quer os casos denominais quer os casos de adjectivais:

Prefixo	Nome de base	Palavra	Adjectivo de base	Palavra
<i>a-</i>	<i>fambre</i>	afiambrear	<i>pronto</i>	aprontar
<i>des-</i>	<i>pedaço</i>	despedaçar	<i>feio</i>	desfear
<i>em-</i>	<i>barco</i>	embarcar	<i>curto</i>	encurtar
<i>es-</i>	<i>buraco</i>	esburacar	<i>quente</i>	esquentar
<i>ex-</i>	<i>pátria</i>	expatriar	<i>próprio</i>	expropriar
<i>re-</i>	<i>pátria</i>	repatriar	<i>fresco</i>	refrescar

O facto de o prefixo ser o único elemento afixal foneticamente realizado nestas estruturas verbalização foi o mais forte dos argumentos que levaram Pereira (2000) a defender que se trata de um processo de derivação com núcleo à esquerda. Porém, não nos parece adequado atribuir esse estatuto a afixos do tipo *a-*, *des-* e *em-*, que em nenhum outro caso da gramática do português podem ter essa função, não obstante adjungirem-se por si sós a bases morfológicas. Existem, com efeito, alguns casos de derivação no português em que o prefixo tem um estatuto nuclear, mas esses casos (formados com *anti-*, que selecciona bases de categoria [+N] para formar adjectivos, e com *extra-*, *inter-*, *multi-*, *pós-*, *pré-* e *pró-* em certos casos<sup>16</sup>) são excepcionais.

Essa hipótese é também enfraquecida pelo facto de existirem muitas formas deste tipo em que a presença do prefixo está sujeita a variação, tanto a nível dialectal como a nível das diferentes variedades do português. Podemos observar alguns exemplos ilustrativos neste quadro:

Forma com prefixo	Forma sem prefixo
☞ <i>aparafusar</i>	<i>parafusar</i>
☞ <i>atarraxar</i>	<i>tarraxar</i>
<i>embaralhar</i>	☞ <i>baralhar</i>
☞ <i>emoldurar</i>	<i>moldurar</i>
☞ <i>ensaboar</i>	<i>saboar</i>

Também existem vários casos de palavras aparentemente não sufixadas que em certos dialectos ou variedades aparecem com um sufixo foneticamente realizado. É curioso verificar que o inverso também acontece: há casos que normalmente têm um sufixo foneticamente realizado mas que dialectalmente ou em variedades diferentes do português não apresentam esse elemento. É o que se pode constatar a partir da tabela que se segue:

<sup>16</sup> Cf. Duarte (1995).



Forma com sufixo nulo	Forma com sufixo visível
<i>aformosar</i>	↔ <i>afomosear</i>
↔ <i>aterrar</i>	<i>aterrizar</i>
↔ <i>desambiguar</i>	<i>desambiguizar</i>
<i>desodorar</i>	↔ <i>desodorizar</i>
<i>endoidar</i>	↔ <i>endoidecer</i>
<i>enraivar</i>	↔ <i>enraivecer</i>

Como se trata de casos de verbalização com propriedades semânticas equivalentes, somos levados a pensar que o que está em jogo é, de facto, uma variação entre sufixo nulo e sufixo foneticamente realizado. O sufixo nulo é, assim, uma das realizações possíveis do operador de verbalização que actua nestes casos. É esta a explicação mais adequada para o facto de os falantes hesitarem entre as formas de um e de outro tipo. No módulo de computação morfológica, estas estruturas parecem ter o mesmo peso.

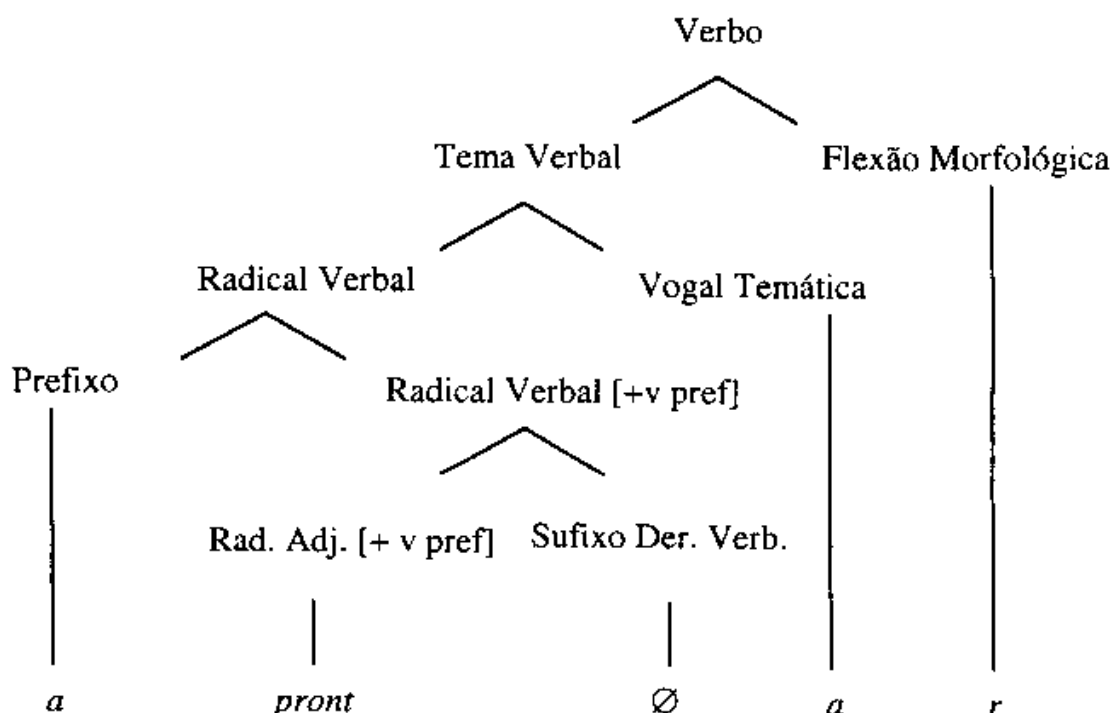
A ideia de existirem constituintes nulos na morfologia do português não é totalmente nova na literatura. Em Villava (2000), é postulada a existência de nomes e adjectivos que não têm índice temático foneticamente realizado. É o caso de *mal*, *mártir* e *meretriz*, palavras de tema  $\emptyset$ .

Nós definimos o processo de sufixação nula tal como Lieber (1992) o faz:

- i. A transformação resulta da concatenação de um sufixo nulo e de uma base.
- ii. Os sufixos nulos têm entradas lexicais que são como as entradas lexicais dos outros afixos, com a diferença de não possuírem uma representação fonológica.

O sufixo de verbalização  $\emptyset$  selecciona radicais nominais e adjectivais para criar verbos de tema em *-a*. As suas propriedades semânticas são idênticas às dos sufixos de verbalização *-ear*, *-ificar* e *-izar*.

De acordo com esta hipótese de análise, a representação em árvore de uma forma como *aprontar* corresponde ao seguinte:



Tal como nos casos que vimos anteriormente, a realização obrigatória do prefixo é satisfeita pela presença do traço [+ verbalização prefixal]. Como já referimos, trata-se de um traço que, sendo especificado no léxico, condiciona a estrutura derivacional da base a que está associado.

### 2.3. Derivação por sufixo nulo

Vamos agora analisar casos como *colapso* → *colapsar*, estruturas de derivação em que não há nem um prefixo nem um sufixo visível. Na nossa opinião, estes casos são em tudo idênticos aos exemplos considerados na secção anterior, com a excepção de não possuírem o traço [+ verbalização prefixal]. Isto significa que também aqui propomos a existência de um sufixo nulo.

Consideremos, então, algumas manifestações do paradigma, procurando dar exemplos de formações relativamente novas na língua:

Base	Verbo derivado
colapso	colapsar
elenco	elencar
máfia	mafiar
política	politicar
repertório	repertoriar

Tal como nos paradigmas anteriores, dá-se o caso de os falantes hesitarem entre formas com sufixo visível e formas com sufixo nulo:

Forma com sufixo nulo	Forma com sufixo visível
☞ alicerçar	alicercear
☞ caricaturar	caricaturizar
chalaçar	☞ chalacear
espingardar	☞ espingardear
nasalar	☞ nasalizar
pirilampar	pirilampejar
scanar	scanear
☞ vagabundar	vagabundear

É curioso notar que duas das formas acima listadas ainda nem se encontram normalizadas, pelo que os falantes são livres de optar por uma das variantes sem que daí advenha qualquer tipo de conotação sociolinguística. Estamos em crer que a fixação ou a preferência por uma destas formas é um processo diacrónico, podendo mais tarde resultar inclusivamente em contrastes semânticos.

### 3. Derivação por conversão

Os processos de verbalização até agora observados manifestam total afinidade com as estruturas de derivação por sufixação. Existem, todavia, operações de transformação estrutural que, pelas suas propriedades, se afastam consideravelmente desse processo de criação de palavras. É isso que se passa com o fenómeno tradicionalmente designado como *derivação regressiva*.

Consideremos, por exemplo, o caso *arrumar* → *arrumo*. Estamos perante a transformação de um verbo de tema em *-a* num nome masculino de tema em *-o*. Se o fenómeno se desse sempre desta maneira, teríamos argumentos empíricos para acreditar que se trata de um processo de derivação convencional. Todavia, como podemos ver pelo quadro apresentado adiante, não é isso que se verifica. Estamos perante um processo altamente irregular a partir do qual são gerados produtos de estrutura imprevisível:

Base verbal	Nome convertido					
	Tema em -a	Gén	Tema em -o	Gén	Tema em -e	Gén
arrumar	*arruma		arrumo	masc	arrume	masc
bazar	baza	masc	*bazo		*baze	
curtir	*curta		*curto		curte	fem
desabar	*desaba		*desabo		desabe	masc
descascar	descasca	fem	*descasco		descasque	masc
desgastar	*desgasta		desgasto	masc	desgaste	masc
escolher	escolha	fem	*escolho		*escolhe	
gastar	*gasta		gasto	masc	*gaste	
ocupar	ocupa	masc	*ocupo		*ocupe	
perder	p[ɛ]rda	perca	fem	*perdo	*perde	
	p[ɛ]rda					
socorrer	*socorra		socorro	masc	*socorre	
trocar	troca	fem	troco	masc	*troque	

Não é possível identificar nenhum constituinte à direita que selecione o radical nem é possível determinar as condições dessa selecção. Não sabemos como explicar, por exemplo, aquilo que determina o timbre da vogal acentuada em alguns derivados de verbos de tema do infinitivo em -e. Os falantes hesitam em relação ao produto final da operação, divergindo a respeito do tema do nome e inclusivamente a respeito da estrutura fonológica do radical, como se pode ver com os derivados de *perder*.

Visto que a transformação categorial destes itens lexicais não pode ser atribuída à ocorrência de um elemento afixal, nós tratamos este processo como um fenómeno de conversão, distinguindo-o dos casos de derivação analisados anteriormente. Pelo facto de envolver uma instabilidade construcional considerável, não sabemos até que ponto se aproxima da conversão prototípica, tal como explicitada em Correia (2002). O que está em causa não é a produtividade do fenómeno<sup>17</sup>, mas sim a sua regularidade. Este tipo de conversão não é regular porque não opera em condições morfológicamente previsíveis.

<sup>17</sup> A a conversão V → N continua a ser produtiva nos nossos dias, como atestam os nomes *baza* (de *bazar*), *curte* (de *curtir*) e *ocupa* (de *ocupar*), entre outros.

#### 4. Conclusão

Com este trabalho, procurámos demonstrar que estruturas derivacionais como *noite* → *anoitecer*, *fiambre* → *afiambrear* e *colapso* → *colapsar* têm por base o mesmo processo de sufixação. Esta afirmação é feita no seguimento de observações empíricas que podem ser resumidas da seguinte maneira:

1. todos os afixos que ocorrem em estruturas parassintéticas existem autonomamente, noutras estruturas derivacionais ou em estruturas de modificação, com idênticas propriedades combinatórias, como exemplificado em:

- (i) a. re [cens]RN ear
- b. Prefixo *re-* numa estrutura de modificação verbal: *regravar*
- c. Sufixo *-e(ar)* numa estrutura de derivação denominal: *barbear*

2. existem formas parassintéticas em variação livre com formas derivadas apenas por sufixação:

- (ii) a. *aformosear* vs. *formosear*
- b. *avozear* vs. *vozear*

3. as formas em que apenas há um elemento sufixal visível coocorrem com formas que não têm um sufixo foneticamente realizado:

- (iii) a. *caricaturar* vs. *caricaturizar*
- b. *espingardar* vs. *espingardear*

As diferenças existentes entre estas palavras são, conseqüentemente, atribuídas a propriedades listadas no léxico. A preferência por uma ou outra das realizações disponíveis para este processo de formação de palavras não é morfologicamente previsível, razão pela qual se registam as hesitações atestadas.

Formas como *amanhecer* e *enriquecer* são analisadas como casos de sufixação seguida de prefixação. A prefixação é obrigatória nos casos em que a base possui um traço [verbalização prefixal] marcado com valor positivo.

As estruturas do tipo *caricaturar* são analisadas como derivados em cujo processo de formação intervém um sufixo que não tem realização fonética, ou seja, um sufixo nulo. Trata-se do resultado de um processo de verbalização muito idêntico aos que fazem uso de sufixos como *-e(ar)*, *-ej(ar)* ou *-iz(ar)*.

Temos, assim, argumentos fortes para considerar que estes casos devem ser tratados de uma forma unificada, no quadro da derivação por sufixação.

Existem, contudo, operações morfológicas de transformação categorial que não podem ser abrangidas pelo mesmo conceito. Os chamados derivados regressivos, nomes deverbais como *arrumo*, *gasto* e *socorro*, constituem um exemplo claro desse tipo de estruturas.

A conversão  $V \rightarrow N$  é um processo ainda produtivo nos nossos dias, ao qual não pode ser atribuída uma configuração estável. Isso deve-se ao facto de não haver nenhum elemento afixal presente, não sendo possível determinar as condições em que a selecção da base derivacional é feita. Desse modo, é natural que surjam em variação formas com temas diferentes:

- (iv) a. *arrumo* vs. *arrume* (cf. \**arruma*)  
 b. *troca* vs. *troco* (cf. \**troque*)

Podem inclusive surgir em variação formas com uma estrutura fonológica variável:

- (v) a. *p[ε]rda* vs. *p[e]rda* vs. *perca*

Em suma, as principais diferenças entre o processo de derivação afixal e o processo de conversão  $V \rightarrow N$  podem ser esquematizadas da seguinte maneira:

Derivação sufixal	Conversão $V \rightarrow N$
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ elemento afixal associado (foneticamente realizado ou não)</li> <li>▪ estrutura temática estável</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ inexistência de um elemento afixal associado</li> <li>▪ estrutura temática instável</li> <li>▪ hesitação relativa ao género do produto, à estrutura fonológica, etc.</li> </ul>

## 5. Bibliografia

- Andrade, Ernesto d' (1993) *Dicionário inverso do português*. Edições Cosmos, Lisboa.
- Casteleiro, João Malaca (coord.) (2001) *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, Lisboa.
- Correia, Margarita (2002) *A conversão em português, com particular incidência na construção de substantivos deadjectivais*. In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. CLUP, Porto.
- Duarte, Paulo Mosânio Teixeira (1995) *A formação de palavras com prefixos latinos e vernáculos*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Estadual Paulista.
- Figueiredo, João Raposo (1994) *Descrição dos verbos parassintéticos*. Texto policopiado.
- Houaiss, António e Mauro de Salles Villar (coord.) (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, Rio de Janeiro.
- Lieber, Rochelle (1992) *Deconstructing morphology*. The University of Chicago Press, Chicago.
- Mateus, Maria Helena Mira et aliae (2003) *Gramática da língua portuguesa*. Editorial Caminho, Lisboa.
- Pereira, Rui Abel Rodrigues (2000) *Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- Pereira, Rui Abel (2002) *Propriedades dos prefixos A(d)-, EN- e ES- na formação de verbos em português*. In *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, Lisboa.
- Rio-Torto, Graça Maria (1994) *Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?* In *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Colibri, Lisboa.
- Rio-Torto, Graça Maria (1998) *Morfologia derivacional*. Porto Editora, Porto.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2001) *A construção de postverbais em português*. Porto Editora, Porto.
- Villalva, Alina (2000) *Estruturas morfológicas*. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.
- Villalva, Alina (2001) *Morfologia. Textos de apoio*. Texto policopiado.